



O ESPAÇO DE OCUPAÇÃO DO ENSINO DA ORALIDADE NO TERRITÓRIO CURRICULAR DA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA

OCCUPATION SPACE OF ORAL TEACHING IN THE CURRICULAR TERRITORY OF TRAINING IN PEDAGOGY

Roziane Marinho Ribeiro¹

RESUMO

Atualmente é possível identificar uma vasta produção científica em torno do oral/oralidade, tratando de diferentes aspectos que envolvem formação docente, ensino, práticas escolares e outros eixos temáticos. No entanto, o oral/oralidade no contexto de formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda tem recebido pouca atenção nas pesquisas. Assim, é objetivo deste texto analisar o lugar que a oralidade ocupa na formação de professores pedagogos. Trata-se de uma pesquisa documental que toma como objeto de análise ementas de componentes curriculares da área de linguagem, inseridos em projetos pedagógicos de cursos de Licenciatura em Pedagogia, pertencentes a instituições públicas. A análise, subsidiada pelos construtos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo, sobretudo pelas contribuições de Dolz e Schneuwly (1996), Colognesi e Dolz (2017), revela que, de fato, a modalidade oral ainda ocupa um espaço periférico no território curricular de cursos de Licenciatura em Pedagogia, o que representa uma lacuna na formação docente e, conseqüentemente, nas práticas escolares.

Palavras-chave: oralidade; formação de professores; Pedagogia.

ABSTRACT

Currently it is possible to identify a vast scientific production related to oral practices, considering its different aspects such as teacher training, teaching, school practices and other thematic axes. However, when considered as part of early years teacher training programs, oral practices have still received little attention in research. Thus, this text aims to analyze the role that oral practices play in curriculums for pedagogues' training. The analysis object of this documental research is the language curricular components that are integral to pedagogical projects of public

¹ Roziane Marinho Ribeiro. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4050-5997>

institutions' Pedagogy programs. The analysis object of this documental research is the programs of language curricular components that belong to pedagogical projects of Pedagogy courses from public institutions. The analysis, based on theoretical constructs of Socialdiscursive Interactionism, especially the contributions made by Dolz and Schneuwly (1996) and by Colognesi and Dolz (2017), points out that, in fact, oral practices still play a peripheral role in the curriculum design of pedagogy programs, which would represent a gap in teacher training and, consequently, school practices.

Keywords: *oral practices; teacher training; Pedagogy.*

1 PROSA INICIAL

A empreitada textual que aqui se materializa representa o desafio prazeroso de discutir o ensino do oral, intercruzando as contribuições teórico-metodológicas do pesquisador Joaquim Dolz e colaboradores e outros estudos que se voltam para o contexto da formação docente inicial e as práticas escolares. A discussão recai, especificamente, sobre o enfoque curricular do oral/oralidade em cursos de Pedagogia, cuja finalidade é a formação de professores para atuarem nas etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental ou na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA.

O ensino do oral esteve, durante muito tempo, à margem dos estudos acadêmicos, das políticas curriculares e das práticas de ensino na Escola Básica e no Ensino Superior. “Mesmo vivendo numa sociedade em que a escrita entrou de forma bastante generalizada, continuamos falando mais do que escrevendo” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 13-14). Entretanto, alimentando a visão grafocêntrica predominante na sociedade, as práticas de ensino da escrita ainda se apresentam como eixo de atenção na universidade e na escola, ratificando a problemática da ausência de ensino da oralidade levantada por estes e outros pesquisadores, cuja preocupação está focada no estudo e no ensino dos textos orais em suas mais diversas formas linguísticas e propósitos comunicativos. Afinal, é esta mesma sociedade grafocêntrica que exige dos cidadãos habilidades na construção dos gêneros textuais orais, sobretudo em situações de uso formal da língua falada.

É bem verdade que esse quadro de letargia em relação à pesquisa e ao ensino do oral vem, progressivamente, reconfigurando-se desde o final dos anos 90, como consequência de investimentos acadêmico-científicos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, entre eles: Fávero *et al.*, (1999), Marcuschi (2001a), Preti (2001), Signorini (2001), Dolz e Schneuwly (1996); Schneuwly e Dolz (2004), Magalhães (2007), Ribeiro (2010), Bueno e Costa-Hubes (2015), Luna (2016), Magalhães, Bueno e Costa-Maciel (2021), cujas vozes são consonantes ao defenderem a importância da modalidade oral como objeto de pesquisa e de ensino.

Estas pesquisas, sobretudo os trabalhos de Dolz e Schneuwly (1996), Schneuwly e Dolz (2004), Colognesi e Dolz (2017), ancorados no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), têm contribuído para que a modalidade falada saia da condição de atividade-meio relacionada à leitura e à escrita e passe a ser atividade-fim, tendo como alvo os mais diversos gêneros orais que circulam socialmente, com suas especificidades linguístico-discursivas e textuais. Explorando os gêneros orais nos campos da teoria e da didatização, esses e outros trabalhos mais recentes de Joaquim Dolz ecoam nas políticas curriculares e de formação docente, na produção de materiais didáticos e nas práticas de ensino na Escola Básica e no Ensino Superior em contexto brasileiro.

Apesar dos avanços nos estudos da oralidade, as críticas atuais ainda recaem sobre a ausência e a emergência do ensino do oral na Escola Básica. Nesse sentido, fomos impelidos a questionar: e na universidade, qual o lugar que o ensino do oral tem ocupado nos cursos de formação de professores para os anos iniciais do Ensino Fundamental?

Assim, este artigo apresenta-se como uma possibilidade de resposta a esta pergunta, ou seja, o objetivo é analisar o lugar que a oralidade ocupa no currículo de cursos de formação de professores pedagogos. Para isso, inicialmente, nos debruçamos, de forma breve, sobre alguns trabalhos, dentre vários, relacionados ao ensino do oral que foram realizados por Joaquim Dolz e seus parceiros e dão importantes contribuições para a reflexão do assunto. Em seguida, apresentamos as escolhas metodológicas da pesquisa e a análise decorrente da leitura e interpretação dos documentos curriculares, dados que constitui o *corpus* deste estudo. E, por último, a partir das poucas evidências de ações deliberadas e implícitas de ensino do oral nos currículos analisados, tecemos considerações reflexivas acerca da urgente necessidade de mudança do lugar que o oral tem ocupado nos currículos de cursos de Licenciatura em Pedagogia, entendendo ser tarefa da formação docente descrever, analisar e refletir sobre a natureza, a organização e as estratégias de produção do texto falado, no sentido de que isso possa se reverberar na prática docente.

2 ENSINO DO ORAL NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Não é pretensão nossa apresentarmos aqui o extenso conjunto de trabalhos que tratam do oral no contexto de ensino e da formação docente, até porque não conseguiríamos dar conta da multiplicidade de aspectos que os envolvem. Mas propomo-nos, a partir de um recorte temático, discutir, inicialmente, algumas categorias teórico-conceituais que influenciaram e continuam impactando estudos acadêmico-científicos, políticas educacionais e práticas de ensino com foco nessa modalidade de língua e nos seus respectivos gêneros textuais. Estamos abordando, especificamente, as contribuições do Interacionismo Sociodiscursivo, que tem no seu elenco de produção científica trabalhos significativos sobre ensino e didática do oral.

Nessa perspectiva, o arcabouço de pesquisas desenvolvidas por Joaquim Dolz e colaboradores em relação ao trabalho com os gêneros orais na escola tem sido de grande contribuição para a formação, inicial e continuada, de professores que trabalham com ensino de língua materna. Este pesquisador produziu inúmeros estudos sobre oralidade a partir de relevantes parcerias interinstitucionais, considerando contextos de diferentes países com realidades socioeducacionais distintas. Neste tópico, a título de ilustração, citaremos alguns deles, publicados ao longo das últimas quatro décadas.

Em coautoria com Bernard Schneuwly, a obra intitulada *Pour un enseignement de l'oral: initiation aux genres formels à l'école*, com primeira edição datada de 1998, lança um olhar para o trabalho sistemático com os orais em suas múltiplas formas, o que contribuiu de maneira significativa para a reflexão, embasada teórico-metodologicamente, em torno de aspectos práticos.

Como indicam os autores, esta publicação é uma culminância de estudo que envolveu pesquisadores de diferentes áreas (Linguística, Psicologia e Ciências da Educação) e professores do primário e secundário, no contexto educacional francófono. Além disso, contemplou níveis distintos como análise de textos orais, elaboração de meios para o ensino da oralidade e avaliação desses meios a partir da produção de alunos entre 10 e 15 anos (DOLZ; SCHNEUWLY, 1998).

Embora esta não seja uma obra traduzida na íntegra para a Língua Portuguesa, é evidente a sua contribuição para discussões propostas por Dolz, no Brasil, através de suas palestras em eventos cien-

tíficos e de outros textos em Português como, por exemplo, o capítulo “O oral como objeto de ensino: como construir um objeto de ensino” (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004), retirado da referida obra, conforme aponta Rojo e Cordeiro (2004) no texto de apresentação do livro *Gêneros orais e escritos na escola* (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Este trabalho apresenta-se como uma importante referência para a construção de uma concepção discursiva da oralidade, ao mesmo tempo em que inaugura um espaço fundamental para discussões em torno da tipologia e progressão curricular dos gêneros orais, abrindo caminhos para um efetivo trabalho em sala de aula a partir de sequências didáticas.

Outro trabalho relevante, em parceria com Stéphane Colognesi, é o texto *Faire construire des scénarios pour développer les capacités orales des élèves du primaire* (COLOGNESI; DOLZ, 2017). Nele, a discussão volta-se especificamente para os professores de crianças, sendo tomado por base o primário no contexto da educação belga. O objetivo é contribuir para que os futuros professores sejam capazes de produzir dispositivos didáticos para trabalhar o oral com seus alunos.

No texto, portanto, é descrito um dispositivo didático, chamado itinerários e baseado na tese de doutorado de Colognesi de 2015, para a realização de um trabalho em torno de gêneros textuais, com base em Dolz e Schneuwly (1998). Além disso, analisa-se como os professores em formação concebem o ensino do oral – inicialmente e ao longo das intervenções – e como são considerados os efeitos do trabalho com oralidade em seus estudantes.

Desse modo, reflete-se sobre o lugar do oral na formação docente. De acordo com os autores, a pesquisa contribuiu para que os professores em formação pudessem relacionar seus conhecimentos às práticas profissionais, passando por diferentes posturas como, por exemplo, a de aprendiz, a de prático, a de analista reflexivo e a de pesquisador (COLOGNESI; DOLZ, 2017).

Dentre várias outras publicações sobre oralidade, citamos mais duas, que são recentes, voltam-se para a formação do professor e integram, em forma de capítulos, o livro *Oralidade gêneros orais: experiências na formação docente*, organizado pelas brasileiras Tânia Magalhães, Débora Costa-Maciel e Luzia Bueno (2021).

O primeiro capítulo, em coautoria com Gustavo Lima e Juliana Bacan, intitula-se “Representação teatral do gênero fábula: uma experiência de formação continuada no âmbito de um minicurso”. De acordo com os autores, a realização da vivência, em evento realizado no Brasil, permitiu refletir sobre comportamentos a serem construídos com alunos de faixas etárias distintas e como é possível potencializar a relação fala-escrita através do dispositivo didático *itinerário* (DOLZ; LIMA; BACAN, 2021).

O segundo capítulo foi produzido, além de Joaquim Dolz, por Carla Silva-Hardmeyer, Aurélie Roux-Mermoud e Diane Böer. Intitulado “Coconstrução de dispositivos didáticos para o ensino da oralidade: um campo para a formação docente”, o estudo aponta para a relevância de grupos focais para a formação de professores, socializa dispositivo didático desenvolvido ao longo da pesquisa realizada com professores que atuam com alunos alófonos da Suíça francófona, e debate sobre intervenções em sala de aula (SILVA-HARDMEYER *et al.*, 2021).

Mesmo que não seja possível evidenciar todas as publicações, considerando a vasta produção bibliográfica de Joaquim Dolz, é possível observar essa produção em diferentes momentos ao longo das últimas quatro décadas, em contextos socioeducacionais distintos (Brasil, Suíça e Bélgica) e fruto de diversificadas parcerias (com professores-pesquisadores de vários países e que atuam em diferentes espaços educacionais). Isso evidencia, então, que a preocupação com o ensino e aprendizagem do oral é uma constante na carreira desse pesquisador, cujas pautas científicas, além de explorarem diferentes dimensões da atividade verbal falada, se engajam na tarefa comprometida de evidenciar o seu valor político e social.

3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS E COMPOSIÇÃO DOS DADOS

A composição dos dados desta pesquisa documental deu-se a partir de quatro documentos curriculares de Licenciaturas em Pedagogia:² o Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Chamaremos, ao longo da análise de PPC1, PPC2, PPC3 e PPC4. Os dois primeiros pertencem a cursos que integram instituições públicas de ensino do estado da Paraíba e os dois últimos a cursos de instituições públicas de ensino do estado de Pernambuco. A escolha por esses estados foi em razão de serem lugares de atuação dos pesquisadores envolvidos no estudo, e a quantidade está relacionada ao fato de ser uma pesquisa de natureza qualitativa. Não se pretende, portanto, fazer uma generalização dos cursos de Pedagogia do Brasil, mas sim refletir a partir de realidades pontuais.

O PPC1 é do curso da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), publicado em 2009; o PPC2 é da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), publicado em 2006; o PPC3 é da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e foi publicado em 2018; o PPC4, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é de 2007.

Como nosso objetivo neste artigo está voltado para a presença/ausência de aspectos de oralidade e de sua didática no currículo dos cursos de Licenciatura em Pedagogia investigados, ressaltamos que não serão fruto da análise questões mais amplas relacionadas às licenciaturas como um todo. Ou seja, foram considerados, apenas, os tópicos que contemplam a fala ou a relação fala-escrita e, sobretudo, os referentes às práticas de ensino e aos processos de aprendizagem da oralidade. Outro aspecto relevante quanto aos dados é que foram foco da análise os Planos de Ensino dos componentes curriculares com ênfase, principalmente, nos textos das ementas.³

Dessa forma, a análise visa investigar se há presença, nas ementas, de tópicos de oralidade e/ou de seu processo de ensino e aprendizagem. Para isso, baseado em Luna (2016), foram elencadas as seguintes categorias analíticas a fim de enquadrar a presença de discussões sobre oralidade e didática da oralidade sob duas óticas: i. deliberada – o que, teoricamente, seria um espaço curricular garantido; ii. implícita – relacionada a espaços possíveis de abordagem das referidas discussões.

4 ANALISANDO O LUGAR DO ORAL EM CURRÍCULOS DE PEDAGOGIA

A análise aqui empreendida revela um conjunto de dados que demanda preocupações e reflexões acerca do processo de formação de pedagogos que atuarão como professores de língua materna na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Percebemos, a partir desses dados, que a oralidade nos Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC) analisados ocupa o espaço curricular de maneira bifurcada, ora como abordagem deliberada, com conteúdos claramente indicados nas ementas das disciplinas, ora como abordagem implícita, cujos conteúdos podem ser inferidos como possíveis elementos de ensino e, portanto, objeto de escolha ou não por quem vai ensinar.

Se por um lado as abordagens deliberadas ou implícitas representam avanços nas perspectivas de ensino da oralidade, uma vez que coloca essa modalidade na condição de objeto ensinável, por

² Destaca-se que, no Brasil, o curso de Licenciatura em Pedagogia é uma graduação responsável pela formação inicial do professor que poderá atuar na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e na Educação de Jovens e Adultos. São cursos que duram, em média, 4 anos e deixam seus estudantes aptos a entrarem no mercado de trabalho como profissionais da Educação.

³ Os Planos de Ensino (ou Programas de disciplinas) são documentos didático-pedagógicos com informações curriculares. Em sua composição, encontram-se os objetivos, os conteúdos, a metodologia, a avaliação e as referências bibliográficas, com o objetivo de orientar o trabalho docente. Dentre essas informações, está o tópico “ementa”, responsável por, de modo sintético, apresentar os conteúdos a serem contemplados.

outro, gera preocupações pelo espaço ainda insuficiente que ocupa nos currículos que orientam a formação docente inicial. Os impactos disso eclodem nas práticas dos professores que retroalimentam o ensino de oralidade na escola, abrindo-se a possibilidade de despreocupação com o estudo da língua falada. Assim, tomando como referência as duas categorias analíticas enunciadas, discutiremos nesta seção como se mostra o território de ocupação da oralidade em currículos de cursos de Licenciatura em Pedagogia, a partir da leitura de ementas de disciplinas com foco no ensino de língua/linguagem.

A primeira categoria – ensino do oral como ação deliberada – mostra-se nos tópicos apresentados no Quadro 1, recortados das ementas analisadas, conforme apresentado a seguir.

Quadro 1 – Tópicos referentes ao oral/oralidade nos PPC

PPC	PERÍODO DO CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	TÓPICO DA EMENTA
PPC1	3º	Fundamentos Linguísticos	A relação entre oralidade e escrita.
	4º	Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem	Aquisição da linguagem oral .
	6º	Literatura Infantil	A oralidade e os recursos icônicos.
PPC2	5º	Linguagem e interação	Desenvolvimento de habilidades para a compreensão e a produção textual oral e escrita .
	6º	Ensino de Português	O desenvolvimento da competência comunicativa nas modalidades oral e escrita e nos diversos gêneros discursivos, no repertório de crianças, jovens e adultos. A escrita e a fala como produção social.
PPC3	3º	Fundamentos da Língua Portuguesa	Oralidade e Letramento.
	7º	Metodologia de Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa	Linguagem oral na escola.
	9º	Fonologia e Ensino	Estudo de processos morfofonológicos e sintáticos com ênfase na realidade da escrita e da oralidade de alunos do Ensino Fundamental. Subsídios teóricos para explicar processos morfofonológicos e sintáticos que envolvam os usos linguísticos nas modalidades falada e escrita .
PPC4	3º	Fundamentos do ensino da Língua Portuguesa I	Currículo e ensino da Língua Portuguesa e a organização dos eixos de ensino; relações entre oralidade, letramento e alfabetização na sociedade e na escola; o ensino da linguagem oral na escola, suas relações com a questão da participação do aluno nos grupos sociais e suas implicações sobre as relações nas diferentes instituições .

Fonte: a autora.

Os tópicos de oralidade que se apresentam nessas ementas reafirmam, em primeiro lugar, o monopólio ainda existente da escrita sobre a fala. Embora possamos apontar progressos no sentido de que a modalidade oral passou a ser tomada como objeto de ensino em cursos na área de Educação, como o de Licenciatura em Pedagogia, é preciso alertar para a insuficiência desse ensino, pois é recorrente a constância de apenas um ou dois tópicos explorados nas ementas dos PPCs.

Em segundo lugar, além da ausência de disciplinas voltadas especificamente para o estudo da modalidade oral, a regularidade dos tópicos em disciplinas do campo dos fundamentos deixa transparecer uma lacuna no tratamento da oralidade sob a perspectiva das práticas didático-metodológicas. Esses dois campos, embora cada um com suas especificidades, precisam ser tratados

de forma integrada, sistêmica, no sentido de possibilitar ao professor em formação a percepção da oralidade enquanto objeto de estudo e de ensino, bem como a capacidade de reelaboração de saberes por meio de processos de transposição didática (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2009).

As dificuldades com a didática do oral são um dos pontos que quebra o antagonismo entre escola e universidade, uma vez que as duas esferas partilham desafios semelhantes em relação ao trabalho de documentar, analisar e produzir textos orais em situações de ensino. Todavia, enquanto referência teórica e didático-pedagógica, a universidade precisa garantir um espaço de ensino e reflexão. Não se trata mais de criticar a escola por não fazer, mas de mobilizar aspectos da teoria e da didatização de gênero (SCHNEUWLY; DOLZ, 1999; DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) que se propaguem na Educação Básica por meio de um agir docente reflexivo, alicerçado na ideia de linguagem como forma de ação (BRONCKART, 2006, 2008). Nesse sentido, a abordagem de estudo da oralidade deve levar em conta parâmetros linguísticos, propósitos sociocomunicativos e dispositivos didáticos envolvidos na análise e produção dos textos orais.

O resultado que se apresenta no Quadro 1 ainda suscita uma discussão sobre os enfoques temáticos do ensino da oralidade expressos nas ementas das disciplinas selecionadas. As escolhas temáticas evidenciam os conteúdos priorizados no ensino e, ao mesmo tempo, revelam concepções de língua oral e de práticas de oralidade subjacentes.

A leitura do referido quadro nos permite afirmar que, de forma geral, as ações deliberadas de ensino da oralidade se apresentam sob dois enfoques: um que expressa aspectos gerais da linguagem oral; e outro, recorrente nos quatro PPCs, em que as relações entre fala e escrita se mostram como fio condutor do ensino do oral, estando focadas nas práticas de oralidade e de letramento. Neste fato está pressuposta a supervalorização da escrita, utilizada como referência para o estudo da fala. Não estamos indicando com isso que as relações entre a fala e a escrita devam ser menosprezadas, considerando a relação de interdependência existente entre estas modalidades. Todavia, para além dos estudos descritivos, relacionais e comparativos, é preciso que a oralidade seja compreendida em suas especificidades linguístico-discursivas e através de práticas reais de uso na escola e em outras esferas sociais.

Nessa perspectiva, essa constatação se coaduna com o estudo de Araújo, Rafael e Amorim (2013), cujos resultados apontam que, em cursos de Letras, as relações entre fala e escrita também predominam como ponto focal nos currículos investigados, alertando para o fato de que essas relações se limitam às diferenças entre formalidade e informalidade, o que indicia uma concepção dicotômica entre as modalidades da língua. Esta concepção dicotômica foi amplamente criticada por Marcuschi (2001a; 2001b; 2007), defendendo, ao contrário, uma concepção não dicotômica que considera as relações entre o oral e o escrito na perspectiva do *continuum*, com base nos usos formais e informais da língua, a partir dos gêneros textuais e das diferentes práticas sociocomunicativas. Para este autor, “não há uma dicotomia real entre fala e escrita, seja do ponto das práticas sociais ou dos fenômenos linguísticos produzidos” (MARCUSCHI, 2001b, p. 47).

Por outro lado, observam-se possibilidades mais direcionadas a uma didática do oral através dos seguintes textos das ementas: “Linguagem oral na escola” (PPC3) e “o ensino da linguagem oral na escola [...]” (PPC4). Aponta-se, aqui, que estes excertos pertencem a disciplinas mais voltadas à reflexão sobre o fazer do professor que ensina a Língua Portuguesa, ocorrência que nos permite inferir sobre a influência da perspectiva dos estudos sociointeracionistas nos currículos das universidades. Destaca-se, então, a relevância da presença, nesses currículos, de disciplinas voltadas à didáticas de áreas específicas e de metodologias de ensino.

Embora o foco da análise tenha sido as ementas dos Planos de Ensino, conforme apontado na metodologia, destaca-se, neste ponto, a indicação de uma abordagem sociointeracionista de trabalho com a língua quando se observa a presença de obras de Joaquim Dolz, bem como de seus grupos de trabalho, na lista de referências bibliográficas presente nos documentos. No Plano de Ensino da disciplina “Linguagem oral na escola” (PPC3), por exemplo, entre as três referências obrigatórias, está: “SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004”. E entre as cinco complementares, tem-se: “BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: Educ, 1999”.

A segunda categoria de análise – ensino do oral como ação implícita –, relacionada aos espaços possíveis de abordagem de aspectos de oralidade e de seu ensino, assim como a primeira categoria, também se fez presente em ementas dos currículos analisados. Em vários tópicos, a reflexão sobre a oralidade e seu ensino pode ser desenvolvida, embora esses tópicos não se constituam em especificidades do texto falado. A seguir, listamos alguns deles:

- gêneros textuais (PPC1, PPC2, PPC3, PPC4);
- variação e preconceito linguístico (PPC1, PPC3, PPC4);
- texto e textualidade (PPC1, PPC3);
- consciência fonológica (PPC1);
- estudo crítico-analítico de livros didáticos de Língua Portuguesa (PPC1);
- conteúdos e aspectos metodológicos do ensino de Língua Portuguesa nos anos iniciais no Ensino Fundamental (PPC2);
- relações estabelecidas entre conhecimentos linguísticos e o uso da língua portuguesa (PPC2);
- currículo e ensino da Língua Portuguesa e a organização dos eixos de ensino (PPC4);
- avaliação da aprendizagem da Língua Portuguesa (PPC4).

Observamos, portanto, que são propostas de conteúdos mais amplos sobre a língua e o seu ensino que, de modo implícito, oportunizam reflexões sobre a modalidade falada e sobre práticas de ensino-aprendizagem voltadas ao trabalho didático com textos orais e escritos.

Destacamos, evidentemente, o papel do formador como agente que constrói o currículo, mesmo tendo uma prática baseada em um documento oficial norteador, ou seja, o Projeto Pedagógico do Curso, de um modo mais geral, e o Programa/Plano de Ensino, de modo mais específico. Referimo-nos, aqui, ao currículo modelado pelos professores que é resultado das ações ativas do docente em relação a sua compreensão e “tradução” em termos práticos dos currículos prescritos a ele apresentados (SACRISTÁN, 2000). Gêneros textuais, por exemplo, é um conteúdo que consta nas ementas dos quatro currículos analisados e em disciplinas distintas. O Quadro 2, a seguir, apresenta um panorama de como a temática faz-se presente, a partir de uma abordagem implícita dos gêneros orais:

Quadro 2 – Gêneros textuais nos PPC

PPC	PERÍODO DO CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	TÓPICO DA EMENTA
PPC1	6º	Língua Materna I na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental	Gêneros textuais e ensino de língua materna.
PPC2	5º	Língua e Literatura	Os vários gêneros literários no contexto da educação.
PPC3	7º	Metodologia de Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa	Os gêneros textuais e as diferentes esferas sociais de interlocução.
PPC4	5º	Fundamentos do Ensino da Língua Portuguesa II	Os gêneros textuais e as diferentes esferas sociais de interlocução.

Fonte: a autora.

Contemplar, em sala de aula da Licenciatura em Pedagogia, gêneros textuais e suas diferentes esferas sociais de interlocução (PPC3 e PPC4) abre espaço para reflexão sobre as múltiplas formas de dizer que perpassam as modalidades falada e escrita da língua. É, portanto, possível discutir sobre a diversidade e a singularidade dos textos através dos gêneros orais e escritos, sobre as relações entre eles e sobre as três dimensões que os caracterizam (conteúdos, estruturas comunicativas e configurações de unidades de linguagem) (SCHNEUWLY; DOLZ, 1999).

No âmbito dos gêneros literários (PPC2), as possibilidades são inúmeras, sobretudo se considerarmos que gêneros da tradição oral – como as cantigas de roda, as parlendas e as fábulas – são bastante presentes no universo escolar da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Debater sobre a presença dos gêneros literários no contexto da educação, conforme proposto na ementa, lançando um olhar específico para os gêneros orais, é ampliar as possibilidades de os futuros professores garantirem práticas de oralidade em torno de gêneros – como contos de fadas, lendas e mitos – que em seu bojo refletem aspectos culturais de diferentes épocas e povos.

Em relação à reflexão sobre gêneros textuais e ensino de língua materna (PPC1), tem-se um terreno fértil para discussões didáticas, considerando reflexões metodológicas sobre as práticas de linguagem (SCHNEUWLY; DOLZ, 1999), quais gêneros escolher, como pensar em uma progressão (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004), como fazer um planejamento a partir de uma proposta de sequência didática para gêneros orais e escritos (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

Outro conteúdo anteriormente listado é “Currículo e ensino da língua portuguesa e a organização dos eixos de ensino”, presente na ementa da disciplina Fundamentos do Ensino da Língua Portuguesa I (PPC4). A partir dele, várias abordagens são passíveis de serem contempladas como, por exemplo, o debate em torno da constituição do oral como objeto de ensino e de sua inserção no currículo escolar.

Contemplando o contexto escolar suíço francófono, Dolz, Schneuwly e Haller (2004) afirmam:

Uma análise, mesmo que superficial, mostra que, paradoxalmente, o oral tem um lugar importante nas duas pontas do sistema escolar. Na pré-escola e nos primeiros anos do ensino fundamental, os professores consolidam os usos informais do francês oral e instalam novos usos relacionados a esse lugar de comunicação particular que é a sala de aula. Nas escolas superiores, o apelo a diferentes recursos implicados na tomada de palavra em público é indispensável para garantir a eficácia em profissões tais como jornalista, advogado, homem de negócios, professor (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004, p. 126).

Se o oral está, então, presente na fase inicial da Educação Básica, como didatizá-lo em prol dos processos de ensino e aprendizagem? Nessa perspectiva, Dolz, Schneuwly e Haller (2004) levantam questões como: “Como tornar o oral ensinável? Que oral tomar como referência para o ensino? Como torná-lo acessível aos alunos? Que dimensões escolher para facilitar suas aprendizagens?” (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004, p. 127). De acordo com Dolz e Schneuwly, seriam objetivos do trabalho com o oral:

- dominar (nas mais diversas situações, inclusive escolares) as ferramentas linguísticas que compõem os principais gêneros públicos;
- construir uma relação consciente e voluntária com o próprio comportamento linguístico;
- desenvolver uma representação da atividade linguística em situações complexas como sendo um produto de um trabalho, de uma elaboração real interativa (DOLZ; SCHNEUWLY, 1998, p. 20, tradução nossa).⁴

A partir disso, pode-se pensar tanto em questões curriculares quanto metodológicas: como quais são os gêneros orais públicos? Como contemplar alguns deles já no currículo da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Quais dispositivos didáticos podem ser utilizados?

Outra possibilidade com o mesmo tópico da ementa é a proposição do estudo da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que organiza o trabalho com a língua materna em torno de práticas de linguagens e considera a oralidade como um dos eixos, paralelo à leitura, à produção de texto e à análise linguística/semiótica. Destaca-se, aqui, que a BNCC é documento parametrizador em vigência que segue, em termos de concepções sobre o ensino da língua, abordagem semelhante à presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), documento oficial que orientou as práticas docentes nas décadas de 2000 e 2010 e possui em suas referências obras do professor e pesquisador Joaquim Dolz como base teórica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme dados apresentados nos Planos de Ensino, especificamente de suas ementas, poucas são as disciplinas dos cursos de Pedagogia investigados que contemplam explicitamente tópicos de didática da oralidade. O quadro de disparidade apresentado nos PPC dos cursos analisados é motivo de preocupação, pois os tópicos deliberados de ensino mostram-se menos frequentes do que as ações implícitas, que representam espaços possíveis de abordagem nos componentes curriculares ministrados. No entanto, isto não garante a presença de um trabalho efetivo com o oral na formação inicial, impactando de forma direta na futura atuação dos professores em sala de aula. Tais constatações evidenciam e sinalizam para a emergência de mudança desse panorama. Nesse sentido, os estudos de Joaquim Dolz são de grande contribuição para fortalecer as discussões teórico-metodológicas acerca do ensino da oralidade e impulsionar os necessários avanços no território curricular no contexto da formação inicial, bem como Educação Básica.

⁴ - maîtriser (dans les situations les plus diverses, y compris scolaires) les outils langagiers constitutifs des principaux genres de textes publics;
 - construire un rapport conscient et volontaire à son propre comportement langagier;
 - développer une représentation de l'activité langagière dans des situations complexes comme étant le produit d'un travail, d'une réelle élaboration souvent interactive (DOLZ; SCHNEUWLY, 2009, p. 20).

Tomando como referência a pauta extensa e comprometida de trabalho desse autor, sobretudo em relação às questões de didatização dos gêneros orais, e a partir da análise delineada, reforçamos, nestas considerações, a importância de o ensino do oral ocupar um lugar de destaque, tal como os outros eixos de estudos da língua, nessa arena tão disputada que é o currículo dos cursos de formação inicial, especialmente dos cursos de Pedagogia, que, pela sua natureza mais generalista/multidisciplinar, enfrentam um desafio maior em formar um professor de língua materna para os anos iniciais do Ensino Fundamental, sem que esta formação tenha essa área como campo de estudo prioritário. É válido ressaltar que esse estudo não é conclusivo; nesse sentido, apontamos a necessidade de mais pesquisas na mesma direção, a partir de currículos de outras instituições e de estudos que contemplem mais dados, a fim de realizar possíveis triangulações.

Por fim, destaca-se a existência de algum espaço sobre o ensino-aprendizagem do oral no currículo dos cursos de formação inicial de professores, ou seja, uma ocupação mesmo que ainda tímida já é um ponto de partida para reflexões em torno deste debate. Se compreendemos a linguagem como forma de ação, não é possível pensarmos uma educação para a cidadania na ausência de imersão nas práticas de oralidade, pois é também por meio da fala que ocupamos espaços sociais e agimos nos mais diversos processos interativos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, D. L. de; RAFAEL, E. L.; AMORIM, K. V. Estudos linguísticos e oralidade: uma visão do objeto de estudo e de ensino em cursos de Letras da Paraíba. In: ARAÚJO, D. L. de; SILVA, W. M. da (org.). *Oralidade em foco: conceito, descrição e experiências de ensino*. Campina Grande: Bagagem, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: Educ, 1999.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Organização de Anna R. Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- BRONCKART, J.-P. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Tradução de Anna R. Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- BUENO, L.; COSTA-HUBES, T. C. *Gêneros orais no ensino*. Campinas: Mercado de Letras, 2015.
- COLOGNESI, S.; DOLZ, J. Faire construire des scénarios pour développer les capacités orales des élèves du primaire. In: PIETRO, J.-F. de; FISHER, C.; GAGNON, R. *L'oral aujourd'hui: perspectives didactiques*. Namur: Presses Universitaires de Namur, 2017. p. 117-199.
- DOLZ, J. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 35-60.

- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). *Enjeux*, 1996. (Tradução para o Português em mimeo de Roxane H. R. Rojo. São Paulo, mimeo, 1996.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Pour un enseignement de l'oral: initiation aux genres formels à l'école*. Issy-les-Moulineaux: ESF, 1998.
- DOLZ, J.; GAGNON, R.; DECÂNDIO, F. R. Uma disciplina emergente: a didática das línguas. Tradução de Fabrício R. Decândio. In: NASCIMENTO, E. L. *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009.
- DOLZ, J.; LIMA, G.; BACAN, J. Representação teatral do gênero fábula: uma experiência de formação continuada no âmbito de um minicurso. In: MAGALHÃES, T.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. *Oralidade e gêneros orais: experiências na formação docente*. Campinas: Pontes, 2021. p. 253-276.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 109-124.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p.125-158.
- FÁVERO, L. L. et al. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- LUNA, E. Á. dos A. *Didática da oralidade na formação inicial do professor de português: um olhar sobre documentos curriculares e discursos docentes e discentes de instituições de ensino superior*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- MAGALHÃES, T. G. *Concepções de oralidade: a teoria nos PCN e PNLD e a prática nos livros didáticos*. 2007. 211 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.
- MAGALHÃES, T.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. (org.). *Oralidade e gêneros orais: experiências na formação docente*. Campinas: Pontes, 2021.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001a.
- MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001b. p. 23-50.
- MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- PRETI, D. (org.). *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- RIBEIRO, R. M. *A argumentação oral em contexto de ensino*. São Paulo: Cortez, 2010.
- ROJO, R. H. R.; CORDEIRO, G. S. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e col. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 7-18.

- SACRISTÁN, J. G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, n. 11, p. 5-16, maio/ago. 1999.
- SIGNORINI, I. (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- SILVA-HARDMEYER, C. *et al.* Coconstrução de dispositivos didáticos para o ensino da oralidade: um campo para a formação docente. In: MAGALHÃES, T.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. *Oralidade e gêneros orais: experiências na formação docente*. Campinas: Pontes, 2021. p. 277-304.